

(DES)CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S) EM *MACUNAÍMA*: LINGUAGEM DO HERÓI SEM NENHUM CARÁTER

Antonio Oliveira¹
Guilherme da Silva Santos²
José Elias Pinheiro Neto³

RESUMO: Este trabalho tem por finalidade uma revisão crítico-analítica da obra *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter (1928), preconizando na abordagem literária, a forma como se constitui a relação metamórfica de (des)construção de identidade(s) – negro-índio-branco – pelas quais o protagonista perpassa no decorrer da trama modernista de Mário de Andrade. Nesse sentido, a pesquisa fundamenta-se primordialmente em uma análise bibliográfica da obra confrontada com teóricos do campo literário (BOSI, 1994; BLOOM, 1930; COUTINHO, 1986; KOTHE, 1987; OLIVEIRA, [s.d.]; SANTOS, 1974; SODRÉ, 1988), paralelamente associados aos estudos da área de (trans)formação identitária-cultural (HALL, 2011, entre outros), tão quanto, de autores voltados para as análises de identidade estabelecida por fatores psicológicos inerentes ao indivíduo/personagem (DERRIDA, 2002; FOUCAULT, 2011). Partindo desses pressupostos teóricos e, fundamentando-se na possibilidade do pícaro *Macunaíma* ser uma espécie de “barro amorfo” (BOSI, 1994), esta pesquisa concentra em interpretar a (re)leitura da construção de uma identidade puramente brasileira e das fragmentações que instituem no *Ser* a denominada “crise de identidade” (HALL, 2011), por intermédio da representação literária embasada na composição heterogênea e multifacetada de contos e lendas presentes na cultura folclórica popular e/ou indígena, a qual vem a se concretizar de modo fidedigno na figura do anti-herói Macunaíma, herói da nossa gente.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira; Identidade(s); Herói.

ABSTRACT: This paper aims at a critical-analytical review of *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter (1928), recommending in the literary approach the form of the metamorphic relation of deconstruction of identities – black-indian-white - which the protagonist pass through in the novel modernist by Mário de Andrade. In this sense, the research bases primarily on a bibliographical analysis of the literary work confronted with literary theorists (BOSI, 1994, BLOOM, 1930, KOTHE, 1987, OLIVEIRA, SANTOS, 1974, SODRÉ, 1988). At the same time with studies of identity-cultural (trans)formation area (HALL, 2011, among others), as well as of authors focused on the analysis of identity established by psychological factors inerents to the individual/character (DERRIDA, 2002; FOUCAULT, 2011). Based on these theoretical assumptions, and based on the possibility of the rogue *Macunaíma* being a kind of "barro amorfo" (BOSI, 1994). This research focuses on interpreting (re)reading the construction of a purely Brazilian identity and the fragmentations that institute in the *Being* called "identity crisis" (HALL, 2011), through the literary representation based on the heterogeneous and multifaceted composition of tales and legends present in the popular folk

¹ Professor do Curso de Letras da UEG/*Campus* Itapuranga, mestrado em andamento no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias. professorantoniooliveira@hotmail.com

² Especialista em docência Universitária. UEG/*Campus* Itapuranga. guilhermegss14@gmail.com

³ Professor do Curso de Letras da UEG/*Campus* Itapuranga, doutorado em andamento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). joseeliaspinheiro@usp.br

culture and/or indigenous. Which concretize in a reliable way in the figure of the anti-hero Macunaíma, hero of our people.

KEYWORDS: Brazilian literature; Identity (s); Hero.

Introdução - o afluente e os seus múltiplos (per)cursos

Macunaíma, criação de Mário de Andrade⁴, encaixa-se em um grupo de Literaturas que, como alude Zilá Bernd logo na epígrafe, *auxiliam na construção do conhecimento humano* ao ilustrar com singularidade os ideais de um povo, de uma época, e de um país. Escrita⁵ em pouco menos de uma semana, de 16 a 23 de dezembro de 1926 – como passatempo de férias na fazenda do tio no interior do estado de São Paulo – e lançada em 1928, “dados os cortes e refundições a que se submeteu o texto original” (MOISÉS, 1971, p. 364), a obra homônima ao personagem principal e subintitulada de “*o herói sem nenhum caráter*”, é considerada por muitos críticos literários, como Afrânio Coutinho (1986), Alfredo Bosi (1994) e Massaud Moisés (1971, 1993), o expoente máximo do movimento modernista no Brasil, tão quanto disseminadora de muitos dos princípios prescritos no *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade.

No que se concerne ao prestígio da obra para a edificação do Modernismo brasileiro, Bosi (1994, p. 354), em *História concisa da literatura brasileira*, atesta que *Macunaíma* “atuou uma idéia-força do seu autor: o emprego diferenciado da *fala brasileira* em nível culto; tarefa que deveria, para ele, consolidar as conquistas do Modernismo na esfera e dos temas e do gosto artístico.”. Nessa mesma linha de raciocínio encontra-se a análise de Moisés (1989-1993). Segundo o que declara o autor (op. cit., p. 81, grifo nosso) em *História da literatura brasileira*, “*Macunaíma* ficou e decerto ficará como uma das obras-chave que esse período suscitou, [pois a mesma é o] espelho onde se reflete a complexidade do homem”. Coutinho (1986, p. 598-599), por sua vez, vai além das assertivas dos dois primeiros e acredita que *Macunaíma* seja o “símbolo do modernismo” devido ao seu ideal nacionalista, preocupado com a relação da terra, com a figura do indígena e do negro.

⁴ “Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, a 9 de outubro de 1893. [...] Alinhando-se entre os que pregam moldes estéticos renovadores, torna-se praticamente o guia de sua geração, e, em consonância com esse papel orientador, exerce múltipla e ininterrupta atividade intelectual. [...] Faleceu na cidade natal, a 25 de fevereiro de 1945. (MOISÉS, 1971, p. 358).

⁵ “Sei que me botei dois dias depois prá chakra dum tio em Araraquara levando só os livros indispensáveis pra criação seguir como eu queria e zás, escrevi feito doido, você não imagina, era dia e noite, de noite até esperava meu tio cuidadoso de saúde, fechar a luz e dormir e acendia a minha de novo e reprincipiava escrevendo...” (71 *Cartas de Mário de Andrade*, p. 31 *apud* MOISÉS, 1985-1993, p. 79).

Prestes a completar 90 anos desde que saiu do prelo, a obra (ainda) instiga uma grande parcela de leitores/críticos devido a sua capacidade “satírica, amarga e pessimista” (COUTINHO, 1986, p. 38) e, principalmente, pelo fato de a mesma se revelar um ininterrupto manancial de descobertas aos olhos do próprio criador que, entre uma e outra (re)leitura, não conseguiu dotá-la de uma nomenclatura fixa, e, assim, “[p]erplexo ante o rótulo que classificasse a obra, [Mário de Andrade] batizou-a primeiro de ‘história’, e depois de ‘rapsódia’⁶.” (MOISÉS, 1971, p. 364, grifo nosso).

Torna-se evidente, na obra andradiana, a presença de uma literatura minuciosamente arquitetada, pois, como constata Bosi (1994, p. 353), “a saga de *Macunaíma* perpassa o primitivismo, a crônica jocosa ao mesmo tempo que distancia-se da paródia, demonstrando a capacidade do autor em jogar “sabiamente com níveis de consciência e de comunicação diversos, justificando plenamente o título de *rapsódia*, mais do que ‘romance’ que emprestou a obra”. Logo, nota-se com tal proposição que

[...] Mário de Andrade pretendia assinalar, antes de tudo, o caráter miscelâneo da obra, ou sua indeterminação no painel dos gêneros literários. No que andou certo, diga-se desde já. Com efeito, a narrativa da trajetória de *Macunaíma* entre o nascimento e a morte participa da epopéia e da novela, ao mesmo tempo que se aproveita do nosso rico folclore luso-afro-indígena: o mosaico de nossa realidade histórico-geográfico-social se representa no tecido rapsódico da fábula e do seu herói.” (MOISÉS, 1971, p. 76-77).

Como fica evidente no discurso de Massaud Moisés, a heterogeneidade de propostas em *Macunaíma* se constrói via-mescla de gêneros literários e do entretenimento autoral de buscar em lendas folclóricas o sentido para o real. Retomando os dizeres de Afrânio Coutinho (1986, p. 614), em *A literatura no Brasil*, “*Macunaíma* é um conglomerado de coisas incongruentes, em que se descreve o tipo de um Malasartes indiano, aborígene, incompreensível, absurdo, misto de toda a ciência folclórica e tríplice, do caboclo, do negro e do branco”. Compreendida assim, a composição multifacetada da obra andradiana só é capaz devido à dedicação do autor para com as pesquisas sobre as regiões, culturas e territórios Brasil a fora, enfim, as histórias que constroem o conhecimento e a identidade de um povo; do povo brasileiro.

⁶ Compilação de fragmentos e/ou de histórias do folclore (mitos, lendas etc.) que, uma vez reunidos, eram cantados pelos rapsodos gregos. “[O] termo ‘rapsódia’ aparece com o Romantismo, no século XIX, e é utilizado para classificar as composições que não seguem uma estrutura fixa. Nesse estilo de composição, a emoção criativa é usada para transformar sentimentos em música”. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/significam-terminos-opus-rapsodia434342.shtml>>.

Partindo dessa mesma perspectiva, Bosi (1994, p. 352) afirma na figura de Mário de Andrade um exemplo típico de folclorista, “capaz de sondar a mensagem e os meios expressivos de nossa arte primitiva nas áreas mais diversas”. Tal peculiaridade andradiana é constatada pela seguinte razão: ao ler a criação “*Von Roroima zum Orinoco*” (1917), do alemão Theodor Koch-Grünberg, Mário viu grandes semelhanças no personagem que desencadeava a narrativa de contos indígenas com a origem do Brasil, da essência brasileira. Logo, (co)movido pela áurea mitológica desse personagem com poderes sobre-humanos, Mário de Andrade

[e]scolheu um ‘herói’ desconcertante (*Makunaíma*, o Grande Mau) para protagonista do seu retrato do Brasil. O Makunaíma das tribos da Guiana e da Venezuela amazônica é um ser perigoso, cheio de malícia e perversidade, tal qual se colhe na leitura da obra etnográfica de Koch-Grünberg (*Von Roroima zum Orinoco. II. Mythen und Legenden der Taulipang und Arekuná Indianer*, Stuttgart, 1923), que Mário leu, anotou e seguiu de perto em tantos passos da rapsódia (BOSI, [s.d.], p. 201-202).

A partir daí, visivelmente inspirado pelas peraltices do protagonista *Makunaíma* (O Grande Mau), uma espécie de demônio que rondava as tribos da Guiana e da Venezuela amazônica, Mário de Andrade concatenou a figura criada por Grünberg com as suas diversas anotações (uma gama de histórias populares) que alicerçavam com veracidade a *Identidade* ainda em construção da sociedade brasileira (BOSI, [s.d.]). A *posteriori*, acrescentou às mesmas um apanhado das ideias modernistas e antropofágicas que, mais tarde, sob a proposta destruidora daquele e do ideal de “devoração dos modelos preexistentes” (BERND, 1992, p. 77) deste, *dariam à luz* a Macunaíma, o herói da nossa gente. No ver de Coutinho,

Macunaíma é livro em que ‘se acumula um despropósito de lendas, superstições, frases feitas, provérbios e modismos de linguagem, tudo sistematizado e intencionalmente entretecido, feito um quadro de triângulos coloridos em que os pedaços, aparentemente juntados ao acaso delineiam em conjunto a paisagem do Brasil e a figura do brasileiro’. Seu herói ‘é da nossa gente de todos os quadrantes, tem hábitos, crendices, alimentação, linguagem, isentos de qualquer traço regional predominante. Incorpora sem ordem nem hierarquia as características de cultura, diferenciada nas várias regiões brasileiras. É um herói ‘desgeografado’ para usar a própria palavra do autor. [...] (COUTINHO, 1986, p. 38).

De modo simbólico, como assevera Alfredo Bosi (1994, p. 353), a figura de Macunaíma “foi trabalhada como síntese de um presumido ‘modo de ser brasileiro’ descrito como luxurioso, ávido preguiçoso e sonhador”, no entanto, o herói marioandradiano “é colocado na metrópole nova e funde instinto e asfalto, primitivismo e modernismo, numa linha que seria também a de Oswald de Andrade”. Analisando-a por esses pontos, tanto

Afrânio Coutinho (1986) quanto Alfredo Bosi (1994) asseguram que a valorização do primitivo em *Macunaíma* dota, vez ou outra, a obra de ideologias antropofágicas⁷ apesar do próprio Mário negar qualquer relação com o manifesto antropofágico. Nesse “instante literário” compreendido a partir do Modernismo (1922), já se previa a heterogeneização cultural, visto que

[a] literatura passou a exercer preponderantemente uma função *dessacralizadora*, na medida em que pretendeu contrapor-se à excessiva *crystalização* dos discursos que, da última década do século 19 às primeiras do século 20, imperavam na cena brasileira [...] Injectando no tecido narrativo a heterogeneidade das linguagens, a ironia, a paródia, [...] a antropofagia, a poesia pau-brasil, enfim o trabalho de Mário e Oswald de Andrade e dos demais modernistas, desencadeia um processo de desestabilização de uma visão homogeneizante que tendia a consolidar-se. (BERND, 1992, p. 77, grifos da autora).

Entre outras coisas, o lançamento de *Macunaíma*, em 1928, revela a imagem-semelhança de um personagem tipicamente brasileiro associado a uma temática universal (o questionamento existencial dos seres humanos) e, não bastasse isso, traz consigo inúmeras novidades ao cenário da Literatura nacional, dentre as quais há de se ressaltar a perspicácia de Mário de Andrade ao antever um assunto amplamente discutido na pós-modernidade: os (per)curtos instáveis da *Identidade nacional/humana*. E é exatamente neste viés de construção e desconstrução de identidade(s) na obra em questão que este estudo se baliza.

Com certa cautela, esta análise ousa dizer que, nas últimas décadas, jamais tenha se colocado tanto em discussão as questões que circundam a temática da(s) Identidade(s) humana(s) quanto agora. Woodward (2000), por exemplo, sustenta essa afirmação ao concluir que

A identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, no contexto das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos "novos movimentos sociais", os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais. Esses processos colocam em questão uma série de certezas tradicionais, dando força ao argumento de que existe uma crise da identidade nas sociedades contemporâneas. A discussão da extensão na qual as identidades são contestadas no mundo contemporâneo nos levou a uma análise da importância da diferença e das oposições na construção de posições de identidade. (WOODWARD, 2000, p. 67).

Logo, atentando-se primordialmente à (des)construção de identidades em *Macunaíma*, o *corpus* da pesquisa fundamenta-se em uma análise bibliográfica da obra

⁷ De acordo com Baldo (2014, p. 10), “[...] Esta destruição dos modelos ritualizados foi uma das primeiras propostas do movimento modernista e caracterizou a ‘Antropofagia’, termo utilizado pelos modernistas, cujo sentido metafórico consistiu em ‘devorar’ e ‘digerir’ os valores culturais gerados dos colonizadores [...]”.

confrontada com teóricos do campo literário e/ou dos primórdios da formação de uma literatura brasileira (BERND, 1992; BOSI, 1994; CÂNDIDO, 2000; COUTINHO, 1986; MOISÉS, 1971; 1986-1993), os quais este estudo retoma com a finalidade de reconsiderar as interpretações desses sobre o contexto de criação textual em meio ao movimento literário modernista. Paralelamente, esta pesquisa associa-se aos estudos da área de (trans)formação identitária (HALL, 2000; 2003; 2011; SILVA, 2000; WOODWARD, 2000), uma vez que as identidades modernas são representadas nas mudanças dos sujeitos e na forma como estes adquirem ou “perdem” suas identidades pessoais/sociais, tornando-os unificados mesmo quando estes, interiormente, encontram-se divididos (HALL, 2011). Em última instância, retomar-se-ão os estudos voltados para as análises de identidade envolvendo fatores psicológicos pertencentes aos sujeitos (DERRIDA, 2002), como de questões relativas ao existencialismo.

Há de se ressaltar que este estudo retoma, também, o pressuposto de que toda atividade oral e/ou escrita engloba, pois, uma *desleitura* (BLOOM, 1995), ao passo que recorre ao conceito e crítica sob a forma do *herói pícaro*, uma forma de anti-herói que se faz à custa dos outros e que, ao mesmo tempo, representa um severo julgamento a respeito do trabalho alienado (KOTHE, 1987), para, desse modo, aludir e explicitar o processo de (des)construção de identidade(s) em *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. A malandragem de *Macunaíma*, sua imoralidade e a sua capacidade de fazer rir mesmo das desgraças, dotam o personagem de uma mágica extrema: o anti-heroísmo torna-se heroísmo simplesmente por representar aquilo que todos os indivíduos têm em comum, mesmo que em minoria, em sua(s) identidade(s).

Em suma, este trabalho concentra-se em analisar a formação do caráter individual e social (a identidade coletiva) na construção da obra e do personagem de Mário de Andrade, partindo do pressuposto de que, na mesma, há uma constante batalha na consciência de *Macunaíma* em que o lado consciente do personagem é condicionado pelos fatores perpassados na sua própria realidade, tão quanto, instigados pela consciência através do viés espiritual do indivíduo, como assinala LUCAS (1985), “Nota-se na obra de Mário de Andrade [...] um tumulto interno, uma luta permanente entre a consciência – digamos a intuição da realidade e a face condicionada de seu espírito, que pensa mediante fórmulas e noções herdadas, e por elas se exprime.” (p. 41).

Portanto, como de praxe no campo dos estudos identitários, esta análise se coloca ao risco de partir pelos mesmos caminhos dantes percorridos e/ou de fugir das direções já seguidas através de um novo rumo, sem, é claro, perder o foco principal: a contínua

(des)construção de Identidade(s) dos indivíduos e, principalmente, aquelas compreendidas no personagem andradiano Macunaíma.

Identidade: (trans)formar-se humano

As indagações contemporâneas pertinentes à(s) Identidade(s) dos indivíduos sociais, alicerçadas nas características inerentes ao Homem e aos seus respectivos comportamentos têm sido, desde o final da última década e, mais severamente, em meados do século XXI, amplamente discutidas à luz dos estudos sobre a temática identidade (HALL, 2000; 2003; 2011). Alguns

[...] Antropólogos e culturalistas acreditam que a globalização aproximou culturas e costumes e, logo, identidades diferentes. Assim, a convivência com o diferente faz com que as identidades aflorem. Por outro lado, a crise do Estado nacional e dos valores instituídos pelo Iluminismo e pela Revolução Industrial tem trazido a necessidade de construção de novos valores, buscados sobretudo nas identidades de grupos de gênero, étnicas, regionais. [...] (SILVA; SILVA, 2006, p. 03).

Em concordância com as autoras supracitadas, Hall (2011) descreve que a fragmentação do indivíduo moderno tem sido causada pela inconstância ocasionada pela globalização e demais processos socioeconômicos que, de certo modo, têm rompido com as estruturas até então fixas das sociedades e dos sujeitos que nela se inserem. Portanto, na contemporaneidade, se uma identidade não se sustenta por muito tempo, outra surgirá imediatamente para ocupar essa lacuna, de modo que os sujeitos sempre estarão munidos de múltiplas identidades (MAIA, 2008).

No campo Literário, por exemplo, essas discussões se fazem meio as reproduções e distorções da realidade, representadas no *Ser* (supostamente) ficcional. Cândido *et al.* (2000, p. 55), veem essa junção do existente e não existente como um paradoxo, pois “como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe?”. Tomando como norte a proposição de Lima (1968, p. 18, grifo nosso), de que “A literatura é o homem. E no homem [existe] aquela vocação misteriosa e imprevista, condicionada por mil elementos exteriores e íntimos, mas desabrochada pelo mistério do espírito, que sopra onde quer”, as análises relacionadas às (tras)formações identitárias do *Ser Humano* já haviam surgido, mesmo no século passado, como forma de representar na Literatura as especificidades do caráter e da figura humana. Assim, arquitetando nas obras literárias exatamente aquilo que Santos e Carvalho (1974, p.

09) denominam de “um universo de vida, morte, tristeza ou alegria, o que as demais artes só conseguem num determinado momento ou circunstâncias”, isto é, o conjunto de essências que, uma vez traduzidas pelas palavras, constituem os sujeitos da sociedade.

Para Bernd (1992), ao equacionar o potencial da literatura na construção identitária, o gênero narrativo e a construção da identidade humana caminham por rumos parelhos, uma vez que definir é, na maioria dos casos, narrar. Nessa vertente, “A busca da ‘Mimesis’ transforma a narrativa num ‘re-conhecimento’ da realidade.” (LABOISSIÈRE, 1989, p. 19). Tanto é verdade que, para Ricoeur (1991), identificar algo ou alguém trata-se de um processo realizável através do discurso, pois, nesse instante em específico, a identidade passa a ser minuciosamente descrita em função do conhecimento para com o outro. Visto sob essa ótica, o conceito de identidade coletiva e/ou de identidade individual se faria “através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra” (RICOEUR, 1985, p. 432 *apud* BERND, 1992, p. 17).

Tendo, portanto, a Literatura a capacidade de elucidar tais pontos, a inserção do termo identidade nesse universo se fez, de acordo com Bernd (1992), a partir da década de 60, quando a mesma passa a disseminar o conceito de identidade cultural (coletiva) e não somente o de identidade individual como antes. Assim sendo, segundo o que a autora postula, é preciso abordar a identidade coletiva como um conceito no plural, pois

[o]s conceitos estáveis de ‘caráter nacional’ e ‘identidade autêntica’ são modernamente substituídos por uma noção pluridimensional onde as identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos de sua história se justapõem para construir um mosaico. As partes se organizam para formar o todo. [...] (BERND, 1992, p. 15).

Nessa dimensão composta por Literatura e pelo conceito de identidade, cabe-nos retomar em análise crítica as obras que “anteviram”, de certo modo, as metamorfoses do homem com o passar dos anos para (buscar) entender os possíveis *descentramentos* ou *deslocamentos* (HALL, 2011, grifo nosso) que os indivíduos se deparam ao, finalmente, conhecerem a si mesmos⁸, os seus *Eus* contraditórios, a(s) sua(s) identidade(s). Faz-se necessário, por essa razão, ressaltar que essa temática se encontra presente nas sociedades do século XX, impregnada, sobretudo, com maestria por Mário de Andrade no campo literário

⁸ Tomando como partida a máxima socrática: “Conhece-te a ti mesmo” (FONSECA, 1996, p. 11), podemos dizer que, ao se (re)conhecerem, muitos personagens travam uma *batalha interior* consigo mesmos. E é exatamente isso que acontece com o grego *Narciso* e o shakespeariano *Hamlet*, ambos passam por uma *crise de identidade*, assumida, também, pelo andradiano *Macunaíma*.

sob a forma da rapsódia *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Hoje, nas vésperas do seu nonagenário, a obra andradiana ainda (res)surge no cenário literário brasileiro como moderna, revolucionária e instigante devido a sua proposta de (re)construir a Identidade do Brasil por meio de uma abordagem cultural. Sendo assim, é de se ressaltar que

[o] *herói* do Modernismo ‘não tem nenhum caráter’. [...] Mostrando a natureza compósita do ‘herói de nossa gente’, Mário de Andrade implode as noções etnocêntricas empenhadas em descrever e exaltar a *alma brasileira*. Assim, a trajetória de *Macunaíma* desconstrói os estereótipos fundados na existência de uma essência brasileira imutável, fugindo da armadilha de circunscrever a busca identitária de *Macunaíma* a um único quadro de referências. [...] (BERND, 1992, p. 50).

Nesse viés, sendo a *Literatura* um tipo de produção textual “privilegiado” por ser aberta à inserção de outros textos como o bíblico, o histórico e o científico (BERND, 1992, p. 09) e, tendo a mesma função de transpor para o plano fictício a totalidade do *Ser* (CÂNDIDO, 2000), presencia-se na obra andradiana a ânsia em (d)escrever detalhadamente a tentativa de consolidação de uma *identidade nacional* através da valorização das *identidades culturais* existentes no Brasil. De acordo com Baldo (2014), a temática da identidade nacional foi tema principal nas discussões literárias desde o Romantismo até o Modernismo. Para o autor, isso se deu ao fato da aparente necessidade de autoafirmação nacional, distanciando quais fossem as possibilidades de assimilação cultural europeia.

Graças a sua criação literária inovadora, Mário de Andrade trouxe a possibilidade de compreensão daquilo que, assim como Ricoeur (1991, p. 140), compreende-se ser o escopo literário: o de criar “um vasto laboratório onde são testadas estimacões, avaliações, julgamentos de aprovação e de condenação pelos quais a narrativa serve de propedêutica à ética”, isto é, uma obra que introduz os questionamentos sobre a conduta humana. Consequentemente, a união do real com o surreal feita por Andrade sob o plano de construção da identidade brasileira, traz a visão sob outro ângulo daquilo que compreendemos como (trans)formação identitária brasileira.

Macunaíma é, entre outras coisas, a compilação de identidades capaz de responder à seguinte indagação: “‘Quem somos nós, se não somos europeus, nem somos índios, senão uma espécie intermediária entre aborígenes e espanhóis?’” (RIBEIRO, 1982 *apud* BERND, 1992, p. 51). O que seria ser brasileiro, nesse sentido? Segundo o que pondera Afrânio Coutinho (1973), em “*A literatura como fator de nacionalização brasileira*”, o desenvolvimento da nacionalização no Brasil marchou, desde o princípio, em direção à procura de uma identidade, de um *querer afirmar-se*, que, em outras palavras, significava

obter um caráter próprio para os brasileiros. Começar-se-ia, assim, um longo processo de busca por uma *brasilidade* através do movimento modernista e dos ideais antropofágicos.

Para se ter ideia, com a revolução literária trazida ao Brasil pelo Romantismo, via-se na literatura verde e amarela uma tentativa de idealizar o índio como o ícone *mor* da pátria. Nesse instante, o que se observava como produto era uma literatura *sacralizante*, constituída de uma pseudo “ingenuidade” alicerçada numa “imagem inventada do índio” (GLISSANT, 1981, p. 192 *apud* BERND, 1992, p. 18). Por intermédio do Modernismo, mais especificamente com o lançamento *Macunaíma*, é que a *verdadeira origem* do povo brasileiro passa a ser retratada. Segundo Bernd (1992), isso aconteceu devido à proposta de Mario de Andrade de aliar os mitos indígenas aos mitos africanos para, então, formar a história, a cultura, o caráter e a identidade do povo brasileiro. Para Alceu Amoroso Lima, em “*Introdução à literatura brasileira*” (1968),

[o] verdadeiro nacionalismo é aquele que se manifesta independentemente de nossa vontade. Não é nacional quem quer. Não tem personalidade uma literatura apenas pelo fator de *querer* ter personalidade ou obedecer a certos dogmas preestabelecidos. A literatura, como toda arte, é do domínio da liberdade e não da coação. Só é nacional uma literatura quando um povo adquire maturidade suficiente para deixar, em suas obras, a marca de sua existência nacional. [...] (LIMA, 1968, p. 17).

A própria Zilá Bernd (1992, p. 47), ao comparar *Macunaíma* com a proposta de José de Alencar, em “*Literatura e identidade nacional*”, assinala que “a criação de Mário de Andrade surge como um contra-discurso a esta consistência hegemônica que vinha se firmando ao longo de nossa história”. Ou seja, para a autora, os índios e os negros, antes abordados com desfoque na literatura brasileira, marginalizados até certo momento e, mais tarde, vangloriados como heróis com o advento do espírito ufanista alavancado por Alencar em *Iracema*, passaram a ter a sua essência fielmente retratada por Mário de Andrade.

Na perspectiva andradiana, o protagonista (re)constrói a fidedigna imagem-semelhança do índio, não mais visto/tido como um *ser supremo*, mas cada vez mais próximo daquilo que se entendia por identidade brasileira. Há, portanto, a desconstrução dos espaços imaginários minuciosamente delineados pelos românticos, tão quanto de uma identidade criada para se vangloriar os indígenas perante a sociedade e, principalmente, aos olhos dos europeus. Deste modo,

[o]s espaços paradisíacos evocados por Alencar para situar *Iracema* são subtraídos no texto de Mário de Andrade, num flagrante ato, típico do Modernismo, de destruição dos modelos ritualizados, que são substituídos por outros caracterizados basicamente pela inversão parodística. Assim, os heróis ‘altos’ são destronados pelo

anti-herói Macunaíma que sai do fundo da mata virgem para deixar-se assimilar pelo mundo ‘civilizado’ do litoral. (BERND, 1992, p. 48).

Essa *nova identidade brasileira* é resultado de uma Literatura com função “*dessacralizante*” ou “*dessacralizadora*”, como afirma Bernd (1992, p. 50), que tem como foco a desmontagem do sistema em andamento (indianismo/nacionalismo ufanista), sendo, no caso específico da literatura brasileira, mais próxima da realidade e capaz de trazer à tona a descrição do confronto das positivities e das negatividades dos brasileiros. Frente a essa essência heterogênea, pode-se dizer que o herói de Mario de Andrade é “*carnavalizado*”, visto que a imagem carnavalesca se apresenta quando

tendo a abranger e a reunir os dois pólos do processo de formação ou os dois membros de antítese: nascimento-morte, mocidade-velhice, alto-baixo, face-traseira, elogio-impropério, afirmação-negação, trágico-cômico, etc... (...) os contrários se encontram se olham mutuamente, refletem-se um no outro, conhecem e compreendem um ao outro. (BAKHTIN, 1981, p. 153 *apud* LABOISSIÈRE, 1989, p. 30).

Partindo desse princípio, constata-se na obra *carnavalizada* a apresentação de um(a) personagem que reúne em si uma gama de virtudes e de defeitos naturais à existência humana. Em *Macunaíma*, o “*carnaval*” assinalado por Bakhtin se faz presente em todos os instantes. O herói da nossa gente perpassa um processo de contrastes desde quando foi parido pela índia tapanhumas até virar a Ursa Maior; da metamorfose índio-negro para europeu-branco; do êxodo da Amazônia para São Paulo; do desejo de ser branco e da não afirmação ao sê-lo etc. A contradição torna-se, pois, uma das essências identitárias de *Macunaíma* e uma marca da contemporaneidade.

Diante dessa visão, a criação carnavalesca é criada na concretização dos desfechos opostos e graças à mescla do real ao surreal. Essa colisão de racional e irracional, de virtudes e defeitos, no ver de Bosi (1994), constata a presença de Freud⁹ frente a proposta de mediação entre folclore e literatura em *Macunaíma*. Para o autor (op. cit., p. 352) o trabalho com essa gama de vertentes antagônicas “faz-se via Freud e consoante uma corrente de abordagem psicanalítica dos mitos e dos costumes primitivos que as teorias do Inconsciente e da ‘*mentalidade pré-lógica*’ propiciaram.”. Analisado sob esse viés, o resgate do primitivismo freudiano na obra traz à tona o contraste de um indivíduo do nascido e criado no “passado” e (con)vivendo em um tempo do “futuro”. Nesse sentido “[a] contribuição freudiana e o

⁹ Há de se ressaltar que esta pesquisa não visa (como objeto principal) à retomada dos caminhos teóricos de Freud. No entanto, tornar-se-á imprescindível, em alguns momentos, resgatar à luz de outros autores os conceitos freudianos.

empenho das vanguardas literárias, em destaque, o surrealismo, mostram uma outra faceta da realidade em que o homem, de ‘ponto de mira’ passa a ser considerado como ‘ponto sensível’.” (LABOISSIÈRE, 1989, p. 15).

A própria contemporaneidade comprova a lógica freudiana descrita por Laboissière (1989). Hall (2011), por exemplo, postula que a globalização do mundo pós-moderno influencia diretamente na (re/des)construção de identidades. Essas colisões entre traços distintos existentes na sociedade moldam, também, a identidade do homem já que na contradição os sujeitos encontram um ou mais indícios de sua existência. Há e sempre houve, desse modo, uma luta interna, constante e interminável na personalidade dos indivíduos, fazendo-os retomar as indagações *o que fazer* e *o não poder fazer*. Pode-se aqui, com cautela, interligar tais questionamentos com as *Instâncias Psíquicas* (id, ego e superego) descritos por Freud (TOMAZIN, 2012; LIMA, 2009). O homem seria, portanto, o resultado de uma equação (um conflito humano/identitário) em que os ímpetos animais e a moralidade imposta pelo superego chocam-se na barreira do ego, dando-lhe um caráter, uma identidade.

As palavras de Hall (2011, p. 39), por exemplo, constata na identidade humana uma “falta de inteireza” que há de ser ocupada pelo exterior do indivíduo, “pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. Para se ter uma ideia mais exata, o indício dessa existência conturbada também é mostrado por Jacques Derrida (2002) em “*O animal que logo sou*”. Nele, o autor manifesta com relutância o ‘quem sou eu?’ considerando que, ao ser observado despido por qualquer animal o homem vem a se sentir envergonhado, incomodado: “[...] *quem sou eu* – e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.” (DERRIDA, 2002, p. 15).

A indagação supracitada aciona outra questão já que ‘quem seria eu?’ que tem vergonha de mim mesmo aos olhos de um animal incapaz de ter sentido da sua própria nudez. Nesse paradoxo, o que certamente há por trás das perguntas derridarianas é o fato de o homem se ver como um animal tal qual aquele que o observa. Neste momento em específico ele age por meio do seu instinto animal- irracional. Posteriormente, utilizando-se da sua racionalidade, chega à conclusão de que tem vergonha de si mesmo, da sua identidade humana. “[É] como se [o indivíduo] tivesse vergonha, então, nu diante do gato, mas também vergonha de ter vergonha” (DERRIDA, 2002, p. 16).

O problema constatado por Jacques Derrida (2002) é a síntese da *identidade fragmentada* descrita por Hall (2011). Ao terem vergonha de si mesmos frente ao outro, os indivíduos submergem-se em uma fonte de questionamentos existenciais: *quem sou eu?*

Quem sou eu na minha concepção? Quem sou eu para o outro? O personagem *Macunaíma* exemplifica muito bem a interpelação derridariana: ao mesmo tempo que é um animal age como humano e vice-versa. O herói da nossa gente não somente sente vergonha de como é visto pelo(s) outro(s), mas tem vergonha, principalmente, do que enxerga exterior e interiormente em si: a sua identidade fragmentada.

O que há, tanto no ângulo assinalado por Hall (2011) quanto por Derrida (2002) é a incapacidade humana, principalmente na contemporaneidade, de conseguir se libertar do(s) questionamento(s) existencialista(s), assim como de desprender a sua racionalidade, impossibilitando-o de encontrar sua verdadeira identidade. Nestes casos, mesmo quando “uma pessoa toma consciência de si mesma, surgem perguntas que não possuem respostas” (AMORIM; CARDOSO, 2013, p. 18), e essa perda de um ‘sentido de si’, descrita por Hall (2011, p. 09), é o prenúncio daquilo que Palma (2014, p. 03) descreve como ‘vazio pós-moderno’.

Destarte, sendo *Macunaíma* uma das maiores representações dessa imagem futurística de homem na modernidade (brasileira), justamente pelo seu *caráter informe* (BOSI, 1994), isto é, sem uma característica identitária *mor* que o defina, é de se prezar as constantes (trans)formações de identidade(s) nas quais o personagem se projeta ao longo da trama. Estas, por sua vez, explicitam como e porque essas metamorfoses perpassadas pelo protagonista legitimam a desconstrução de uma identidade europeizada, ao passo que concretizam a construção de uma identidade nacional, brasileira, única, como projetavam o movimento modernista e o Manifesto Antropófago¹⁰.

Portanto, como defende Bernd (1992, p. 61), “[a] construção de uma nação passa pela recuperação e afirmação da identidade nacional a qual se funda num patrimônio comum de mitos, lendas, tradições orais e feitos históricos com seus respectivos heróis”. Há de se dizer que, guardadas devidas proporções, *Macunaíma* é a “[e]xperiência modernista de proceder a revisão de nossa formação histórica e cultural, questionando a figura do *herói* no interior dessa formação.” (BERND, 1992, p. 63).

Desse modo, confrontado no seu subconsciente pelas várias faces do seu Eu, o *frenesi* instaurado na busca pela pedra muiiraquitã, durante a saga de *Macunaíma* é, portanto, a analogia do incessante desejo por uma identidade purificada, ou mesmo, pela construção de

¹⁰ O Manifesto Antropófago “Foi publicado por Oswald de Andrade no primeiro número da *Revista de Antropofagia* (S.P., 01 maio 1928). Este manifesto questiona: 1) a estrutura política, econômica e cultural aqui implantada pelo colonizador, e sob a qual se formara a sociedade brasileira; 2) a sociedade patriarcal com seus repressivos padrões de conduta; 3) a imitação não digerida das influências da metrópole colonizadora; e 4) o indianismo na sua feição ufanista e romântica.” (HELENA, 1989, p. 76).

um caráter que o personagem (ainda) não detém. Para Brookshaw (1983), citado por Bernd (1992), a ausência de caráter no herói-personagem não é, por completo, uma crítica negativa ao povo brasileiro, mas sim uma visão positiva ao passo que permite crer que o caráter do Brasil está em constante construção.

Vista de tal perspectiva, a pedra preciosa que é fruto de desejo do herói, representa a procura incessante por uma identidade, pois, ao ver de Bernd (1992, p. 10), “[a] busca de identidade deve ser vista como processo, em permanente movimento de deslocamento, como travessia, como uma formação descontínua que se constrói através de sucessivos processos”. Não ter nenhum caráter, assim, significaria ainda estar em busca de um, do mesmo modo que não ter uma identidade significaria ter várias outras e, por isso, a incapacidade de *encontrar-se* em uma única. Essa indefinição humana é uma das particularidades da constante (des)construção de identidades, já que “[o] homem não é só o que aparenta ser; nem só o que esconde inconscientemente; é tudo o que nele vive à sua revelia, e, descoberta maior, é também tudo o que poderia ser ou poderia ter sido.” (PERRONE-MOISÉS, [s.d.], p. 18 *apud* LABOISSIÈRE, 1989, p. 15).

Os estudos sobre ‘identidade’ desenvolvidos por Hall (2003, 2011), respectivamente, “*Da Diáspora: identidades e mediações culturais*” e “*A identidade cultural na pós-modernidade*”, assumem o compromisso de se atentarem aos aspectos sociais, culturais, econômicos e étnicos que, dispostos em harmonia, arquitetam a essência, ou melhor, a *identidade* de um indivíduo. Em contrapartida, a partir de então, como bem ressalva o autor, tem-se compreendido nos sujeitos presentes nas diferentes esferas sociais um contínuo processo de (des)construção de identidade(s).

De acordo com Hall (2011), ao colocar-se em discussão as questões do campo de (trans)formação identitária, deve-se levar em conta a existência de *três concepções de identidade* que seriam a do: a) sujeito do Iluminismo; b) sujeito sociológico; e c) sujeito pós-moderno. *A priori*, o *sujeito do Iluminismo* destacava-se por ser um “indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação” (op. cit., p. 10). Na segunda concepção, o *sujeito sociológico* “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e [...] a [sua] identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade” (op. cit., p. 11, grifo nosso). A terceira e última concepção de identidade é a do sujeito pós-moderno. Nela os indivíduos não apresentam “uma identidade fixa, essencial ou permanente”, isto é, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente” (op. cit., p. 12-13).

Em relação ao indivíduo “pós-moderno”, principal alvo dessa análise, Steven Connor (2004) faz a seguinte constatação:

[S]e vivemos numa ‘pós-cultura’, uma cultura vinculada com todo tipo de superação – pós-Holocausto, pós-industrial, pós-humanista, pós-cultural, na verdade –, permanecem, residualmente, dois lados ou aspectos, do prefixo ‘pós’, e os debates sobre o pós-moderno em humanidades e nas ciências sociais tendem a reproduzir essa dualidade. De um lado, designar a si mesmo ‘pós’ alguma coisa é admitir certa exaustão, diminuição ou decadência. Quem vive numa pós-cultura chegou atrasado à festa e só viu as garrafas e pontas de cigarro sendo jogadas fora. O atraso também pode implicar certa dependência, porque a pós-cultura sequer pode definir-se de alguma maneira independente, estando condenada ao prolongamento parasítico de alguma realização cultural desaparecida. [...] (CONNOR, 2004, p. 57).

É de se ressaltar, portanto, que os indivíduos da pós-modernidade defrontam-se face a face com a existência da chamada ‘crise de identidade’ (termo este empregado nos estudos identitários da Pós-Modernidade por Hall (2011) e, a partir de agora, apropriado por mim na sequência desta pesquisa). Essa crise de identidade a que o autor se refere, desenvolve-se pela necessidade humana de autoafirmação, pois, além de *afirmar-se* para a sociedade, todo indivíduo sente uma carência interior ímpar de *afirmar-se* para si mesmo, de criar uma identidade individual, sua, desligada da identidade coletiva, mas que acaba, por muitas vezes, sendo igual a última devido à busca de muitos sujeitos pelo mesmo ideal: o de *encontrar-se*. Isto posto “[a] identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros*.” (HALL, 2011, p. 39).

Assim, ao fracassar nesse projeto de autoconstrução identitária, o indivíduo pós-moderno se fragmenta, como aponta Hall (2011, p. 07), e abarca “[n]um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social”. Na concepção do autor, antes da pós-modernidade, os sujeitos sociais detinham identidades mais fixas, estagnadas, que não se transformavam com tamanha frequência. Agora, influenciados pelo desencadeamento de inúmeras áreas da sociedade (científica, tecnológica, religiosa etc.), cada vez mais se torna visível a incapacidade humana de construir e afirmar uma única identidade em meio a tantas mudanças. O certo é que “[o] homem primitivo ainda não se conhece, procura-se. O homem atual perdeu-se. O de amanhã deverá encontrar-se primeiramente, reconhecer-se, tomar contraditoriamente consciência de si mesmo.” (DUROZOI; LECHERBONNIER, [s.d.], p. 14 *apud* LABOISSIÈRE, 1989, p. 19).

Por intermédio de tais premissas e, movidos pela possibilidade de Macunaíma ser “uma espécie de barro vital, ainda amorfo”, como aponta Bosi (1994, p. 352), pode-se dizer que a identidade do homem contemporâneo é na verdade descrita no plural. Entretanto, ser formado por múltiplas identidades significa não ter, de fato, nenhuma. Em artigo intitulado “*Sobre a necessidade de morrer*”, Amorim e Cardoso (2013) explanam que “[c]om o advento da Modernidade, sob a guisa do pensamento do filósofo René Descartes (1596-1650) e de Francis Bacon (1561-1626), o ser humano vive um momento no qual se percebe capaz de realizar uma dominação de tudo aquilo que está ao seu redor, [menos de si mesmo]” (p. 19).

Nessa vertente, as lentas, porém contínuas transformações sociais¹¹ fazem com que a identidade social, coletiva, que encontra-se em constante movimento, acabe indiretamente influenciando na visão dos sujeitos quanto a sua identidade pessoal, pois, para Hall (2011, p. 09, grifo nosso), as transformações ocorridas na sociedade pós-moderna abalam a ideia que temos de nós mesmos, de nossa(s) identidade(s). Assim, ao perder(em) o ‘sentido de si’, como o próprio autor menciona, os indivíduos deparam-se com um processo de “*deslocamento ou descentração*” no qual imergem-se num mar de dúvidas existencialistas em que muitos “afogam-se” ao chegarem às respostas, enquanto que outros “asfixiam-se” justamente pela falta delas.

Tomando-se tais princípios, é possível dizer que a Identidade humana é resultado de um processo que mescla o viés individual, bem como o coletivo. A “identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado” (HALL, 2011, p. 22), de modo que a Identidade carregada por um sujeito é capaz de associá-lo a determinado grupo, assim como é passível de torna-lo diferente, único, desligando-o de outras identidades. Que fique claro, aqui, que este trabalho não realiza (meramente) a comparação entre os sujeitos inseridos no contexto de 1920 e de 2015, por exemplo. Trata-se de explicar à identidade como algo cambiante em toda a própria história da humanidade. O homem pós-moderno é tão incompleto quanto qualquer outro, entretanto, devido as rápidas transformações culturais, sociais, econômicas, abarcadas no contexto de globalização, o sujeito da pós-modernidade tem se mostrado ainda mais cambiante (HALL, 2011), desligando-se de uma concepção iluminista de indivíduo.

Segundo o próprio Hall (2011, p. 24), “o sujeito moderno emergiu num momento particular (seu ‘nascimento’) e tem uma história, segue-se que ele também pode mudar”.

¹¹ Essas transformações sociais/identitárias devem ser compreendidas como *atemporais*, uma vez que a Literatura, como destaca Cândido (2000), tem a *função humanizadora*. Logo, as obras literárias tornam-se a representação do homem e das inconstâncias que o cercam, independentemente da época.

Nessa perspectiva, a identidade dos indivíduos modernos tem se mostrado o principal ponto de (in)sustentação ao longo de suas vidas, pois, ao tentarem se encontrar, constroem uma existência repleta de percalços, incertezas, idas e vindas e, assim, desde o seu nascimento os indivíduos se sujeitam a procurar uma identidade fixa e, nessa busca, vida à fora, deparam-se com a morte sem, antes, saberem *quem são* ou qual a sua verdadeira identidade. No entanto, o fim de um ciclo é encarado por Bloom (1995, p. 25) de outra maneira. Baseando-se nas escritas freudianas, o autor ressalta que ‘a meta de toda vida é a morte’ e, portanto, o maior indício de *autoafirmação* humana seria a “partida deste mundo”. Logo, trazendo à discussão a necessidade da morte (PALMA, 2013), dever-se-ia compreender que

[m]orrer é um evento muito natural [...] Porém, com o passar do tempo, foi se configurando como desgraça. A valorização do antropocentrismo talvez tenha contribuído para isso. Mas, se nós vamos, de fato, nos deparar com a morte, por que tanto medo dela? Uma vida vazia, com valores cada vez mais egoístas, superficiais e materiais talvez corrobore a angústia de uma vida mal utilizada e, portanto, o medo, também, da finitude. (PALMA, 2013, p. 03).

Portanto, desde que conquistara o seu lugar no “centro do universo”, o homem assumiu, também, o risco de não encontrar a si mesmo e, temeroso para que isso não se concretizasse, como destacam Amorim e Cardoso (2013), assumiu uma *identidade narcisista* na qual é refém de outros para afirmar a sua autoestima. O homem pós-moderno só contempla sua identidade quando há alguém para vangloriá-lo. Para Hall (2011), os indivíduos mesclam diferentes identidades em diferentes contextos justamente para serem aceitos socialmente e/ou para serem aquilo que eles mesmos sabem que não são, mas que a sociedade exige. Neste âmbito, segundo Hall (2011), a complexidade da vida globalizada nos “obriga” a assumir diferentes identidades, entretanto, essas diferentes identidades a qualquer momento chocam-se na barreira de uma crise de identidade. Assim sendo, a identidade individual torna-se refém da coletiva e, principalmente, daquilo que o outro impõe.

Logo, quando se trata da identidade humana os indivíduos deveriam, para início de autoconhecimento, enxergarem-se sempre como *seres interiormente incompletos*. É exatamente a busca infinita por respostas é que move o sentido de existência dos seres humanos, portanto, ao invés de marcharem à procura de uma identidade estática, como geralmente acontece, deviam se atentar ao fato de que a identidade não é um processo de exatidão, ou seja, seria necessário (re)pensá-la como algo não “unificado”, “resolvido” (HALL, 2011, p. 38). À vista disso, “[a] identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no

momento do nascimento [...]. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’.” (HALL, 2011, p. 38-39).

Em todo caso, crer numa identidade rígida, desconexa da ação do tempo, espaço, cultura etc. significa desconsiderar a possibilidade humana de se transformar conforme as exigências dos que estão ao seu redor e conforme os próprios indivíduos se exigem a mudar. Exatamente neste ponto, as palavras de Hall (2011) dão sustentação ao título deste trabalho, pois, ao mesmo tempo que são desconstruídas, as identidades também se constroem. Dessa maneira, sabendo que “a identidade negra é atravessada por outras identidades” (HALL, 2003, p. 12), a (des)construção de identidade(s) em *Macunaíma* se faz ao passo que o herói entra em contato com outras etnias e, a partir daí (re)constrói aquela primeira.

Considerações finais - Ser... transformar-se: Existir!

Como bem expressa Heráclito de Éfeso, tudo flui e tende a persistir em constante movimento. Logo, as Identidades, sob uma perspectiva pós-moderna, têm se mostrado cada vez menos estáticas, imutáveis, fixas. Isto é o que exatamente se comprova na primeira parte desta pesquisa, incumbida de reconsiderar o termo *Identidade* sob a ótica de alguns autores.

Diante disso, o pensamento de Heráclito vem ao encontro com o fato da identidade ser um “processo em andamento” (HALL, 2011, p. 39), permanecendo em “em processo” (op. cit., 37), em constante fluidez. Logo, como destaca Silva (2008, p. 02), “As identidades não são pois, fixas, estáveis, coerentes, unificadas, homogêneas, definitivas e idênticas. Indubitavelmente, são instáveis, contraditórias, inconsistentes, inacabadas e transitórias, logo são dinâmicas e se constituem de modo relacional.”.

Consequentemente, um indivíduo jamais será o mesmo em dois momentos distintos de sua vida; essa discrepância existe mesmo do hoje para com o amanhã. Para Woodward (2000, p. 32), “[a] complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, mas essas diferentes identidades podem estar em conflito. [...]”, indícios esses de uma crise identitária. Devido a sua constante instabilidade, a identidade humana choca-se com uma gama de incertezas existenciais e, como bem alude Mercer (1990, p. 04) *apud* Woodward (2000, p. 19), “[a] identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo que se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Assim, percebe-se que a identidade é uma essência própria do ser, já que todo *ser* têm as suas; particularidades que o caracteriza em meio ao outro (MAIA, 2008).

Macunaíma é a figura-analogia desse fluxo identitário, dessa fluidez contínua compreendida na citação de Heráclito de Éfeso. O personagem “sem nenhum caráter” é, como pondera Bosi (1994, p. 352), “uma espécie de barro vital, ainda amorfo, a que o prazer e o medo vão mostrando os caminhos a seguir”, de modo que se permite ser modelado pelas vivências que o circundam. É preciso pontuar que, assim como o personagem andradiano é moldado pela(s) influencia(s) exterior(es), o mesmo acontece com os indivíduos na pós-modernidade. Percebe-se, sobretudo, que os sujeitos têm (in)conscientemente deixado de ser aquilo que acreditam lhes identificar para possuírem identidade(s) aceitas pelo(s) outro(s). Assim, para não serem identitariamente marginalizados, os indivíduos se sujeitam a imposição do meio e acabam se tornando alguém que essencialmente não são. Nesse choque entre *Ser o que sou e Ser o que é imposto*, surge a “crise de identidade” (HALL, 2011, p. 09). E é exatamente nesse circuito de se constituir e ser constituído, que Macunaíma pode ser definido como “um vencido-vencedor, que faz da fraqueza a sua força, do medo a sua arma, da astúcia o seu escudo; que vivendo num mundo hostil, perseguido, escorraçado, às voltas com a adversidade, acaba sempre driblando o infortúnio.” (MELLO; SOUZA, 1979, p. 89 *apud* GONZÁLEZ, 1988, p. 61).

Desse modo, ao ser constantemente deslocado por mudança(s) imposta(s) pela sociedade, o herói andradiano representa com verossimilhança a “crise de identidade” que Hall (2011) julga se tratar de uma busca de estabilidade do sujeito no mundo contemporâneo. Para tanto,

[o] autor insiste no modo de ser incoerente e desencontrado desse ‘caráter’ que, de tão plural, resulta em um ser ‘nenhum’. E aquele possível otimismo, que era amor às falas e feitos populares, ao seu teor livre e instintivo, esbarra na constatação melancólica de uma amorfia sem medula nem projeto. O herói de nossa gente é cúvido, lascivo, glutão, indolente, covarde, mentiroso, ainda que por seus desastres mereça a piedade do céu que o abrigara entre as constelações. É a Ursa Maior. (BOSI, [s.d.], p. 200-201).

As metamorfoses a que se submete Macunaíma, dotam-no de uma necessidade de autoafirmação. Essa *crise de identidade macunaímica* acentua-se com o êxodo do personagem para o grande centro de São Paulo. Lá, movido pela necessidade de *afirmar-se* para a sociedade, Macunaíma acaba por não conseguir *afirmar-se* para si mesmo, de criar uma identidade individual, sua, desligada da identidade coletiva, mas fracassa nesse projeto. De acordo com Bosi ([s.d.], 204), “[p]ara Macunaíma, nem a cidade representa uma saída para a selva, nem a selva para a cidade. O sentido é de impasse, e dor pelo impasse [...]”.

Se, de fato, “a identidade está marcada por meio de símbolos” (WOODWARD, 2000, p. 09), logo, o símbolo desse *afirmar-se* de Macunaíma está diretamente ligado à pedra muiiraquitã. Quando “Macunaíma perde a muiiraquitã, perde a proteção de Ci Mãe do Mato e a de Vei a Sol, amulhera-se com uma portuguesa, mas nem por isso adquire uma identidade fixa, branca e ‘civilizada’. O seu destino, aliás, vem a ser precisamente este: não assumir nenhuma identidade constante.” (BOSI, [s.n.], p. 206). Sendo assim, a saga de Macunaíma circunda a pedra que, num plano físico, pode ser considerada a sua identidade. O herói percorre léguas, briga com o gigante, mente; tudo em prol do seu intuito: o de se (re)encontrar. “Não encontrando lugar próprio nem na mata nem na metrópole, nem no Uraricoera nem na Paulicéia, ele padece em ambos. Não por acaso Macunaíma desiste de viver na sua terra. Mas fugir para onde?” (BOSI, [s.d.], p. 205). O herói decide fugir para o céu.

REFERÊNCIAS

AMORIM, W. L.; CARDOSO, M. R. *Sobre a necessidade de morrer*. In: Filosofia: ciência & vida. Ano VII, n. 87, out. 2013.

ANDRADE, M. de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 21 ed. São Paulo: Itatiaia, 1985.

ANDRADE, O. de. O manifesto antropófago. In: TELES, G. M. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976. p. 01-06.

ARROYO, M. G. *Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BAKHTIN, M. *A estética da criação verbal*. 4 ed. Tradução P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BALDO, L. M. L. *A identidade nacional: matizes românticos no projeto modernista*. p. 01-14. Disponível em:
<<http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.com.br/site/arquivos/revistas/1/Artigo%20Luiza%20Baldo.pdf>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2014.

BERND, Z. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 1992. p. 09-85.

_____. Literatura comprometida de João Ubaldo Ribeiro. In: *Revista de literatura, história e memória: figuras da nacionalidade no texto literário*, ISSN 1809-5313, vol. 2, n. 2, Cascavel: Unioeste, 2006. p. 09-14.

BLOOM, H. *Um mapa da desleitura*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BOSI, A. *Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica*. [s.l.]: Editora 34, [s.d.]. p. 187-207.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 41 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 301-355.

CAMPOS, H de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CÂNDIDO, A. *et al. A personagem de ficção*. 10 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

COUTINHO, A. *A literatura como fator de nacionalização brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1973. p. 24-46.

_____; COUTINHO, E. de F. *A literatura no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986. p. 183-191. p. 51-80.

COUTO, L. C. do; *O eu e a nova língua: identidades e ensino/aprendizagem de língua estrangeira*. Brasília, 2012. p. 01-18.

DERRIDA, J. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002.

FONSECA, M. de J. M. da. *Sócrates*. Revista Millennium, n. 4, 1996. p. 01-24.

GREGORIN FILHO, J. N. *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

GONZÁLEZ, M. *O romance picaresco*. São Paulo: Ática, 1988.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KOTHE, F. R. *O herói*. São Paulo: Ática, 1987.

LABOISSIÈRE, M. L. F. *A transfiguração da realidade em José J. Veiga e Miguel Jorge*. Goiânia: Secretaria da Cultura de Goiás, 1989.

LIMA, A. A. *Introdução à literatura brasileira*. 4a ed. Rio de Janeiro: AGIR, 1968.

LIMA, A. P. de; *O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia*. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia (UFU), 2009. p. 280-287.

LUCAS, F. *O caráter social da ficção do Brasil*. São Paulo: Ática, 1985. p. 40-46.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. *Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática*. Brasília: 2007. Disponível em:

repositorio.unb.br/bitstream/10482/.../Tese_AnaFlaviaAmaralMadureira.pdf. Acesso em: 07 de novembro de 2013.

MAIA, R. D. *O conceito de identidade na filosofia e nos atos de linguagem*. São Carlos, SP: UFSC, 2008.

MARTINS, C. M. *As metamorfoses em Macunaíma: (re)formulação da identidade nacional*. In: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre: PPG-LET-UFRGS, vol. 02, n. 01, jan./jun., 2006. p. 01-14.

MATTAR, Regina Ribeiro. *Os contos de fadas e suas implicações na infância*. Bauru: 2007. Disponível em: www.fc.unesp.br/upload/.../TCC%20Regina%20-%20Final.pdf. Acesso em 21 de setembro de 2013.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1989-1993. p. 65- 82.

MOITA LOPES (org.). *Discurso de Identidades*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

OLIVEIRA, V. M. R. de; CAMPISTA, V do R. *O silêncio: multiplicidade de sentidos*. In: SINAIS - Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.02, v.1, Outubro, 2007. p.107-120.

ORLANDO, A. F.; FERREIRA, A. de F. *Do letramento aos multiletramentos: contribuições à formação de professores(as) com vistas à questão identitária*. Paraná: UNIOESTE, 2013. p. 414-431.

PALMA, P. F. *Doença existencial*. In: Filosofia: ciência & vida. Ano VII, n. 87, out. 2013.

_____. *Doença existencial*. In: Filosofia: ciência & vida. Ano VII, n. 95, jun. 2014.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. (tradução: Lucy Moreira Cesar). Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SAIANI, C. *Jung e a educação: uma análise da relação professor/ aluno*. São Paulo: Editoras Escrituras, 2003.

SANTOS, V.; CARVALHO, A. E. *Literatura brasileira: teoria, textos, teses*. Porto Alegre: Sulina, 1974. p. 10-13.

SILVA, T. T. da.; A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, A. S. da. *Memórias e (re)invenções de identidades na literatura afro-feminina*. São Paulo: XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008. p. 01-08.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Identidade. In: *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 01-04.

SOUZA, E. M. de. (Org.). *Cartas a Mário* (2ª parte). Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, 1993.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. 17 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TIMBÓ, E. *Macunaíma, caráter da desconstrução ou desconstrução do caráter?* Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 01-10.

TOMAZIN, S. S.; *O aparelho psíquico de Freud: nos três mundos de Popper, uma inteiração possível?*. In: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão. Presidente Prudente, 22 a 25 de outubro, 2012. p. 523-531.